

IMAGENS ESTEREOTIPADAS EM PAUTA: O DISCURSO DOS JORNAIS SURINAMESES SOBRE OS IMIGRANTES BRASILEIROS (2007-2010)

Rafael da Silva Oliveira

Universidade Federal de Roraima (UFRR), Instituto de Geociências (IGeo), Departamento de Geografia, Avenida Ene Garcez, 2413 – Campus Paricarana – Bloco IV – Bairro Aeroporto, CEP.: 69304-000 – Boa Vista, RR - Brasil
E-mail: rafasolufrr@gmail.com

Recebido 2 de junho de 2012, aceito 25 de julho de 2012.

RESUMO – O Suriname, desde meados dos anos 1980, tem sido o destino de milhares de brasileiros que migram com a intenção de melhorar de vida, trabalhando direta ou indiretamente na atividade da garimpagem do ouro. Tais fluxos contribuíram para a constituição de uma comunidade brasileira no Suriname, cada vez maior e mais participativa da vida econômica desse país. Contudo, esses imigrantes sofrem diversos estigmas e preconceitos que dificultam sua integração, cujos meios de comunicação desempenham importante papel na difusão de estereótipos sobre os brasileiros. Assim sendo, o presente artigo analisa os discursos dos jornais surinameses e, em particular, sua contribuição na construção de imagens negativas sobre os imigrantes de origem brasileira.

Palavras-chave: imigrantes brasileiros; Suriname; meios de comunicação; imagens estereotipadas.

ABSTRACT – Since the mid-1980s, thousands of Brazilians migrated to Suriname intended to work directly and indirectly in small-scale gold mining. These dynamics contributed to establishment of a Brazilian community in Suriname, growing and more participative of economic life this country. However, the Brazilians are stigmatized, and the media contribute to stereotypical images about Brazilians. This article analyzes the contribution of Surinamese newspapers in the construction of negative images about

Brazilian immigrants.

Keywords: Brazilian immigrants; Suriname; media; stereotypical.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Santos (2011), ao versar sobre a perversidade dos meios de comunicação na sociedade contemporânea, explicita que existe uma racionalidade tendenciosa para a produção da informação dirigida, já que os meios de comunicação oferecem apenas uma interpretação, ou seja, a “notícia”. Assim sendo, “a informação sobre o que acontece não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculada pela mídia, uma interpretação interessada, senão interesseira, dos fatos” (Santos, 2011: 41). Ainda na mesma perspectiva, Hernandez (2001: 48) destaca que “a mídia constrói uma outra realidade a partir dos acontecimentos que escolhe e reporta. Mas quer fazer crer que o mundo filtrado por seus interesses, sua recriação, é o mundo ‘real’”. Em outras palavras, o conhecimento produzido através da mídia está comprometido, de certa forma, com interesses de grupos sociais específicos.

Neste sentido, pode-se argumentar que as mídias se inscrevem numa lógica de produção e/ou co-produção de um imaginário racista no seio da sociedade, influenciando assim no desenvolvimento e difusão de estereótipos e preconceitos (Wieviorka, 2007). Logo, os signos presentes nos discursos (geralmente propagados de modo unilateral) estimulam e contribuem na constituição de estereótipos, imaginários e posturas racistas. Portanto, “a mídia faz parte dessa construção ideológica por meio das ideias que afirmam sobre grupos étnicos” (Fernandes, 2010: 04). Sendo assim, as mídias produzem e, também, são reflexo

das visões de mundo coexistentes no cerne da sociedade (Bueno, 2002).

Tais visões de mundo estão incrustadas nos discursos produzidos e propagados pelos meios de comunicação, cujo “discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas” (Fiorin, 1998: 41). Portanto, os referidos discursos, potencializados pela tecnificação do mundo, implicam diretamente nos comportamentos e práticas socioespaciais cotidianas. Sobre essa influência, Fiorin (1998: 55) discorre que

o discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. A sociedade transmite aos indivíduos – com a linguagem e graças a ela – certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais.

Essa naturalização das imagens estereotipadas conduz a criação de rótulos impregnados de cargas subjetivas que colaboram para um comportamento segregacionista, ocasionando diversos problemas e obstáculos nas relações sociais cotidianas.

Tal contextura torna-se ainda mais complexa quando agregamos nessa imbricada trama a figura do imigrante. Matés (2008) destaca que a criação e a difusão de imagens estereotipadas e preconceituosas contra os imigrantes, por parte das mídias, “são grandes obstáculos para levar a cabo a integração dos imigrantes” (Matés, 2008: 03).

É indubitável que a imagem estereotipada do imigrante como problema transita em distintos pontos da superfície terrestre, assumindo contornos, dinâmicas e envolvendo atores a partir das mais variadas especificidades. Dentre os numerosos casos de práticas violentas, veiculadas pelos meios de comunicação em detrimento de grupos minoritários, convém destacar a hodierna situação dos imigrantes brasileiros que vivem e trabalham do Suriname.

Diante do exposto, vale registrar que o presente *paper* objetiva analisar o discurso dos jornais surinameses, sobretudo, no que concerne a construção de imagens, em sua maioria estereotipada, sobre os trabalhadores imigrantes de origem brasileira. Para tanto, recorreu-se à análise das reportagens publicadas nos dois principais jornais do Suriname (o *De Ware Tijd* e o *Times of Surinam*), entre os anos de 2007 e 2010.

Vale mencionar que a pesquisa e a coleta de dados ocorreram através dos sites dos dois jornais supramencionados, pois ambos divulgam digitalmente as mesmas reportagens que são publicadas na sua versão impressa. Logo, foi possível analisar as notícias que chegam aos leitores surinameses em suporte tradicional (jornal impresso). Ainda, foram realizadas pesquisas de campo, entre 2009 e 2011, com o principal objetivo de entrevistar brasileiros e surinameses (a partir de conversas informais e entrevistas abertas).

O artigo encontra-se dividido em duas seções. Na primeira, a atividade da mineração em pequena escala no Suriname e, especialmente, sua íntima relação com a territorialidade brasileira são abordados, cujo o objetivo é apresentar um sucinto quadro do atual contexto desse segmento econômico no país. Já a segunda parte, está voltada para análise das reportagens coletadas, no qual busca-se

sistematizar os discursos para melhor compreensão das imagens construídas sobre os imigrantes brasileiros no Suriname.

O GARIMPO¹ E A EMERGENTE TERRITORIALIDADE BRASILEIRA NO SURINAME: BREVE PANORAMA

A economia do Suriname até hoje sofre com as consequências do chamado “golpe dos sargentos”, na década de 1980, e com a traumática e turbulenta guerra civil, ocorrida os anos de 1986 e 1992 (Dew, 1994; Vries, 2005; Procópio, 2007). Diante da pouca diversificação, o Suriname depende, em grande medida, do volume da mineração. Ouro, petróleo e bauxita juntos representam, aproximadamente, 85% das exportações e 25% do Produto Interno Bruto - PIB (CIA, 2009). Esta situação deixa a economia do país muito fragilizada diante da volatilidade dos preços no mercado internacional.

A exploração destes minerais ocorre devido aos investimentos estrangeiros no setor. Sobre o hodierno cenário econômico do Suriname, Procópio (2008: 283) contribui sublinhando que a

capacidade de produção do trióxido de dialumínio deve-se a empresas como a Suralco e a Billinton. Os investimentos na extração do ouro capitaneam-se pela canadense Cambior. Das buscas por petróleo encarregam-se a espanhola Repsol, a dinamarquesa Maersk e a Ocidental Petroleum Corporation dos EUA.

Contudo, no setor da produção de ouro, uma expressiva parcela é extraída

¹ Utilizaremos o termo “garimpo” como sinônimo de mineração em pequena escala.

pela mineração em pequena escala, que se desenvolve, em sua maioria, de maneira irregular. Para corroborar com essa afirmação, faz-se pertinente recorrer aos dados divulgados pela *World Wildlife Fund* (WWF). Segundo estimativas dessa Organização Não Governamental (ONG), somente a garimpagem move mais de US\$1,7 bilhões anuais, sendo esta uma cifra indispensável para a economia surinamesa (Evers, 2010). Ainda, no mesmo documento, é destacado que cerca de 90% das áreas que desenvolvem tais atividades atuam em situação irregular.

Os territórios da garimpagem no Suriname estão situados, especialmente, no sudeste do país, na fronteira com a Guiana Francesa, cuja maioria está localizado dentro dos territórios quilombolas. A presença predominante de trabalhadores nas áreas de garimpagem é de origem brasileira provenientes, especialmente, dos estados do Maranhão e do Pará (Höfs, 2006; Oliveira, 2011). Apesar de estarem em situação irregular para o Estado surinamês, os territórios da garimpagem são controlados pelos quilombolas a partir do estabelecimento de taxas, regras e normativas para o funcionamento desta atividade. Os quilombolas, além de controlarem e administrarem os garimpos, também atuam na venda exclusiva de combustíveis e produtos necessários para a manutenção da atividade garimpeira.

Cumprе mencionar que mesmo atuando de forma irregular, os quilombolas legitimam a presença dos garimpeiros², chegando, em alguns casos, a estabelecer

² Vale destacar que o nome dos trabalhadores envolvidos diretamente na mineração em pequena escala varia de acordo com a nacionalidade, por exemplo: *barequeros* (Colômbia); *porknockers* (Suriname e Guiana); *chichiqueros* (Peru); *garimpeiros* (Brasil). Assim sendo, empregaremos o termo “garimpeiro” exclusivamente para referir-mo-nos aos brasileiros que trabalham na mineração em pequena escala no Suriname.

controle do pagamento de taxas mediante a emissão de comprovantes de recebimento. A relação e acordos estabelecidos entre brasileiros e quilombolas, assim como os recibos de pagamento não são reconhecidos pelo Estado que, periodicamente, atua reprimindo a presença desses trabalhadores imigrantes.

Mesmo com leis, códigos e normas estabelecidas, a territorialidade brasileira está presente através dos diferentes usos (i)materiais, cujo idioma, as músicas, as comidas, entre outros, contribuem para objetivar esses territórios e reterritorializar um “pedaço” do Brasil no meio da floresta surinamesa. Logo, pode-se argumentar que nesse trânsito entre a territorialidade brasileira e a quilombola, ambos sofrem influências dessa relação, atribuindo especificidades aos territórios dos garimpos – quilombolas falam português, brasileiros falam o sranantongo e outras línguas, estabelecem matrimônios, entre outros. Todavia, tal relação é constituída por um fragilizado pacto social, baseado nas relações garimpeiras, cuja tensão em relação à iminência de conflitos está cotidianamente presente.

Apesar do nome mineração em pequena escala, os garimpos atualmente possuem infraestrutura técnica de tal modo que a garimpagem no Suriname está cada vez mais distante do tradicional imaginário atrelado a atividade. Ao invés de bateias e picaretas, é comum encontrarmos retroescavadeiras e motores nos garimpos localizados em meio à floresta do referido país. Tal introdução técnica nos territórios da garimpagem contribuiu expressivamente dentro da balança de exportações do Suriname, superando a produção da mineração do ouro em grande escala. Entre 2005 e 2009 a exportação do ouro procedente dos garimpos contabilizou 70.153,67 kg, enquanto que a grande escala, no mesmo

período, registrou 50.698,66 Kg. Portanto, dos 120.852,33 Kg da produção oficial de ouro, a mineração em pequena escala participou com 58,04% (Heemskerk, 2010).

Vale destacar que atualmente a IAMGOLD é a única que atua efetivamente na mineração em grande escala no Suriname. Através de um acordo com o governo do Suriname, a IAMGOLD controla todo o processo de exportação da sua produção, pagando 2,25% de *royalties* para o Suriname (Heemskerk, 2010).

Contudo, convém registrar que dentro do circuito da garimpagem uma significativa parcela da produção aurífera não é contabilizada. Esse ouro tem vários destinos: é vendido para compradores e interceptadores clandestinos; é transportado sem licença pelos garimpeiros para a Guiana Francesa, Venezuela, Guiana e Brasil, ou, até mesmo, circula na economia do Suriname.

Tal fluxo de capital contribui para estimular a intensa mobilidade garimpocidade-garimpo de garimpeiros e demais brasileiros que trabalham como comerciantes, intermediários, trabalhadoras sexuais, entre outros, tornando essa trama territorial ainda mais fluída e complexa (Oliveira, 2011). Apesar da imprecisão dos cálculos, devido à própria fluidez e invisibilidade desses territórios, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil estima a existência de, aproximadamente, 20 mil brasileiros (regulares e irregulares), representando assim quase 5% da população desse país³ (MRE, 2011).

Muitos desses trabalhadores imigrantes brasileiros, após passarem meses nos garimpos (ou anos), se deslocam para a capital, especialmente, para a área

³ Segundo o último censo realizado no Suriname, em 2004, o país possui 492.829 habitantes (ABS, 2006).

conhecida popularmente como *Klein* Belém (Belenzinho). Esta área, de predomínio brasileiro, é considerada como o principal exemplo territorial urbano da centralidade brasileira no Suriname. Localizada no *Tourtonne* (situado no *Ressort Blauwgrond*, norte de Paramaribo) tem as ruas *Prinsesstraat*, *Anamoestraat* e um trecho da *Tourtonnelann* como principais referências da afluência brasileira na capital. Nessa porção da cidade de Paramaribo concentram-se as principais ofertas de bens e serviços, voltados para os brasileiros e para o garimpo do país.

Belenzinho é um território (i)material que expressa e sintetiza a territorialidade brasileira no Suriname. Logo, nessa porção da cidade, a brasilidade se traduz na paisagem, cujas placas e os letreiros estão em português e apresentam marcas e produtos de origem brasileira. Caminhar pelas principais ruas do *Tourtonne* é como estar em uma cidade com vocação garimpeira na região norte do Brasil: os produtos vendidos, a música nos lugares e o idioma praticado nada se parecem com o holandês, idioma estranho para a maioria dos brasileiros que migram para o país vizinho.

Em consequência, Belenzinho possui infraestrutura e *modus vivendi* voltados para acolher os brasileiros recém chegados nas suas redes sociais já estabelecidas, além de desempenhar importante função de centro logístico e de apoio ao desenvolvimento da atividade garimpeira. Desde ferramentas para garimpo, passando por restaurantes, compra-venda de ouro, lavanderias, hotéis e *night clubs* repletos de trabalhadores de origem brasileira podem ser encontrados ao caminhar nas ruas de Belenzinho. Diariamente chegam e partem garimpeiros e comerciantes, movendo a economia com o ouro extraído nas áreas

de garimpagem. Logo, a movimentação de significativa parte do capital que circula dentro de Paramaribo é oriunda das relações envolvendo a compra e a venda de ouro nestes estabelecimentos (licenciados ou não), cuja significativa maioria está situada em Belenzinho.

Diante do exposto, é fora de dúvida que o pulsar da vida no Suriname e o funcionamento da engrenagem econômica do país estão, de certa forma, atrelados à garimpagem e, em particular, à presença brasileira. Todavia, apesar da participação e importância desta comunidade no Suriname, estes trabalhadores imigrantes sofrem estigmas que refletem no seu cotidiano, tanto nos garimpos quanto na cidade. Conforme já sinalizado, tais imagens estereotipadas são construídas, reforçadas e projetadas especialmente através dos meios de comunicação surinameses, potencializando assim as tensões das relações socioespaciais e dificultando a inserção da comunidade brasileira. Assim, a próxima seção dedica-se a apresentar uma análise sobre os discursos da mídia surinamesa, a partir dos dois principais jornais desse país.

IMAGENS ESTEREOTIPADAS PRESENTES NOS DISCURSOS DOS JORNAIS SURINAMESES

Ao contrário dos jornais brasileiros, que raramente publicam notícias sobre o seu vizinho, os jornais surinameses cotidianamente divulgam matérias atreladas ao Brasil, em especial, nas seções “esporte” e “economia e política internacional”. Contudo, como o nosso foco central é analisar unicamente a construção de imagens a partir do tratamento discursivo sobre a comunidade brasileira no Suriname, consideramos apenas as matérias publicadas na seção *Binnenland*

(assuntos nacionais) que abordam direta ou indiretamente esse grupo de imigrantes e, também, reportagens de opinião.

Durante a seleção das reportagens, dentro dos critérios já mencionados, foram identificadas 944 matérias, sendo 531 do *Times of Suriname* (TS) e 413 do *De Ware Tijd* (DWT). Significa dizer que entre 2007 e 2010, em média, o TS publicou pelo menos uma reportagem sobre os brasileiros no Suriname a cada 2,74 dias, ao passo que o DWT a cada 3,53 dias (**Gráfico 1**).

Ao observar o gráfico 1, é possível notar a regularidade do tema “brasileiros no Suriname” nos jornais analisados, oscilando entre 10 e 15 reportagens mensais. Assim sendo, com a intenção de melhor explicitar a análise dos dados coletados nos jornais TS e DWT, elaboramos um quadro aglutinando as reportagens a partir dos assuntos abordados (**Quadro 1**).

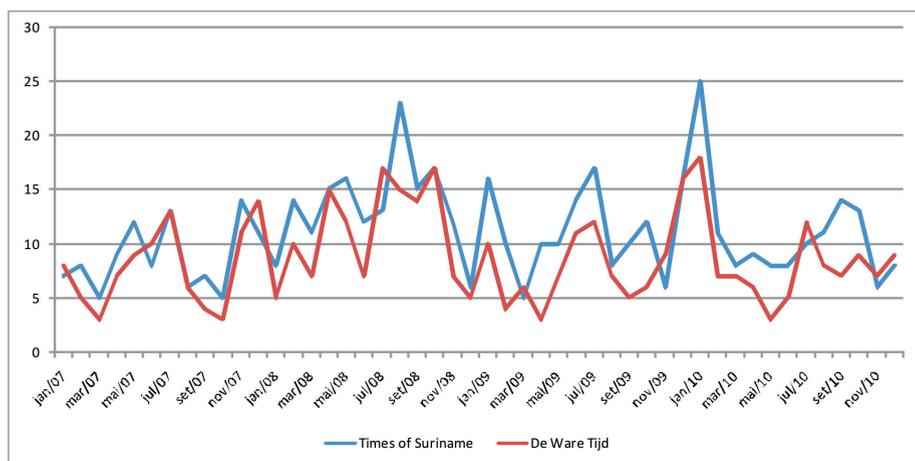


Gráfico 1. Número de reportagens publicadas sobre os brasileiros nos jornais Times of Suriname e De Ware Tijd: 2007-2010. Fonte: <http://www.dwtonline.com> e <http://www.surinametimes.com>

Quadro 1. Assuntos abordados e tratamento dos conteúdos sobre os brasileiros no Suriname.

Assunto	Conteúdo Positivo	Conteúdo Negativo	TS	DWT
Prostituição	---	56	22	34
Belenzinho	1	8	3	6
Garimpo/garimpeiros	2	215	119	98
Danos ambientais (uso de mercúrio nos garimpos e desmatamento)	---	180	97	83
Conflitos/problemas com grupos quilombolas e/ou indígenas	---	51	23	28
imigração ilegal	---	156	89	67
Prisão e assassinato	---	138	96	42
Tensão/conflito com a mineração em grande escala	---	63	42	21
Fuga de capital para o Brasil (envio de dinheiro e transporte ilegal de ouro)	---	24	13	11
carnaval e festa junina	20	2	9	13
Acordos bilaterais/visitas oficiais	27	---	18	9
Religião	1	---	---	1
TOTAL	51	893	531	413

Fonte: <http://www.dwtonline.com> e <http://www.surinametimes.com>

Conforme explicitado no quadro 1, 94,60% do universo analisado teve tratamento negativo ao abordar sobre os brasileiros no Suriname, representando assim 893 matérias publicadas. Nas reportagens com conteúdo que apresentam perspectiva positiva (ínfimos 5,40%), os assuntos “carnaval e festa junina” e “acordos bilaterais/visitas oficiais” concentram 92,16%, ou seja, 47 notícias enquanto que os demais temas somados perfazem apenas 4. Tais matérias com discurso positivo versam, em particular: a) sobre a cultura popular brasileira e as

⁴ O assunto “religião”, apesar de pouco abordado - com apenas uma ocorrência (Boer, 2009), está cada vez mais presente no cerne da comunidade brasileira no Suriname. O número de brasileiros dessa frente pioneira religiosa e de evangelização nos garimpos vem ampliando progressivamente ao longo dos anos. Denominações pentecostais, como a “Assembleia de Deus” e a “Deus é Amor”, vêm estendendo sua capilaridade através da implantação de igrejas nas corrutelas de garimpos (Theije, 2008).

festividades celebradas em Belenzinho durante os meses de fevereiro/março (carnaval) e junho (festa junina) (DWT, 2009b) e; b) visita de políticos e diplomatas brasileiros no Suriname, cujas reportagens remetem a promessas de melhora no tratamento aos brasileiros em situação irregular, em particular, atrelados à garimpagem (Zandgrond, 2008a; DWT, 2009a).

Os três temas que mais figuram entre aqueles que apresentam conteúdo negativo, em relação à imagem dos brasileiros no Suriname (61,70%), são “garimpo/garimpeiros”, “danos ambientais” e “imigração ilegal”. “Prisão e assassinato” que incluem brasileiros é outro tema muito explorado negativamente pelos jornais surinameses, sendo registradas 138 matérias que totalizam 15,45% da amostragem.

Mesmo não representando quantitativo tão significativo como os garimpeiros (principal foco das matérias atreladas aos brasileiros no Suriname), as trabalhadoras sexuais também aparecem com frequência nos informativos de cunho depreciativo (56 registros, representando 6,27%). Convém ressaltar que apesar da comunidade brasileira não ser constituída só por garimpeiros e trabalhadoras sexuais, “no Suriname, os brasileiros têm sua imagem associada à garimpagem e ao sexo, sendo essas referências para as relações interpessoais” (Höfs, 2006: 79). Como demonstrado no quantitativo de reportagens que contêm discurso negativo, tal situação tem a contribuição, em grande parte, da atuação dos meios de comunicação do Suriname que reafirmam tais preconceitos.

Theije (2010: 09), ao tratar sobre a percepção dos surinameses em relação aos imigrantes brasileiros e às áreas de garimpagem, sublinha que “a maioria dos surinameses jamais pôs os pés num garimpo, a opinião deles sobre os

brasileiros é baseada nessas observações isoladas”. Tal afirmação corrobora com o posicionamento de León (2011: 11) ao dizer que “os meios informativos formam parte das instituições de elite e possuem credibilidade suficiente para que o público receptor aceite a avaliação que fazem dos fatos da atualidade”. Sendo assim, “os imigrantes são mais conhecidos pelo que as mídias dizem deles do que pelo contato direto que têm com a população autóctone” (León, 2011: 09-10). Ainda sobre esta perspectiva, Martínez (2006: 60) contribui:

Não é arriscado supor que a maneira que o leitor interpreta e avalia as notícias sobre os imigrantes proporcionadas pelos jornais, por exemplo, mantêm uma forte relação de dependência com o conteúdo e, sobretudo, com a forma em que são apresentadas, configurando assim uma imagem simplificada e, por isso, negativa e estereotipada dos imigrantes estrangeiros.

Nesse contexto, garimpeiros e trabalhadoras sexuais são os principais focos dos meios de comunicação surinameses, atrelando a esses dois atores sociais a culpa de diversos problemas e mazelas enfrentados no Suriname, como, por exemplo, AIDS, criminalidade, desmatamento, contaminação dos rios através do uso indevido de mercúrio nos garimpos, crise financeira, drogas, instabilidade familiar, entre outros (Leeuwin, 2008; Orban, 2010).

Já Belenzinho, mesmo com poucas reportagens dirigidas diretamente a esse bairro demarcado afetivamente pelos brasileiros (só 9 registros), apresenta elementos interessantes para a nossa reflexão. Dentro do recorte temporal estabelecido, só uma matéria aborda positivamente sobre essa territorialidade

emergente. Com título “Integração de brasileiros no Suriname. Taki Taki⁵? Não, fale português!”, sublinha principalmente sobre o grande fluxo de brasileiros no chamado Belenzinho, atraindo diversos comerciantes chineses que investem cada vez mais nessa área com produtos dirigidos, exclusivamente, aos brasileiros e à garimpagem (Chang, 2008). Além de tratar sobre o grande número de estabelecimentos comerciais e da forte presença da língua portuguesa em Belenzinho, o autor aborda sobre os estigmas que os brasileiros sofrem no Suriname. Logo, registra a declaração de um brasileiro: “queremos incentivar mais a visita de surinameses [em *Klein* Belém]. O Brasil é rico em cultura, podemos fazer mais do que apenas futebol e carnaval. (...) Queremos mostrar que os brasileiros não são apenas garimpeiros e prostitutas” (Chang, 2008: 01).

Ainda, o referido artigo, publicado no jornal DWT, apresenta panorama sobre a importância da comunidade brasileira no Suriname, influenciando na culinária, na música e na moda do país, em consequência do grande número de grupos musicais, de restaurantes e de lojas de vestuário provenientes do Brasil.

Contudo, a referida reportagem é uma exceção, já que a regra predominante é o discurso jornalístico atrelando uma imagem negativa à presença brasileira no Suriname. Assim, os Surinameses incorporam tais narrativas para compor um imaginário preconceituoso sobre a comunidade brasileira no seu país.

Já as matérias dedicadas à abordagem sobre a “tensão/conflito com a mineração em grande escala” (7,05% das reportagens, ou seja, 63 registros entre as 893 que contêm tratamento negativo), estão voltadas para reafirmação

⁵ “Taki taki” é uma forma popular, mais íntima, para referir-se ao idioma Sranantongo. “Taki taki” em Sranantongo significa “falar”, “conversar” (Oliveira & Ribeiro, 2011: 80).

do garimpeiro como imigrante ilegal e, sobretudo, como problema e entrave para o desenvolvimento da atividade legalizada da mineração em grande escala (TS, 2010a).

León (2011) argumenta que os problemas procedentes da convivência entre autóctones e imigrantes é um tema que sempre interessa os meios de comunicação. Apesar de representar só 5,71% (51) do universo das reportagens com conteúdo negativo, o assunto “Conflitos/problemas com grupos quilombolas e/ou indígenas” geralmente é tratado com grande repercussão na sociedade surinamesa. A existência de um fragilizado e precário pacto social estabelecido entre quilombolas e garimpeiros, no transcurso da atividade aurífera, contribui para que sejam produzidos conflitos e posicionamentos contrários a presença brasileira nos seus territórios.

São diversas as reportagens que abordam sobre o referido tema, em especial, apresentando insatisfação dos líderes quilombolas sobre a presença, os costumes e as práticas cotidianas dos brasileiros. Dentre os exemplos, vale registrar a reportagem intitulada “Manlobi quer se livrar dos brasileiros” (Zandgrond, 2009), onde destaca que “os moradores [quilombolas] estão muito incomodados com o estilo de vida dos brasileiros” (Zandgrond, 2009). Mesmo com a existência de um respeitado pacto de convivência entre quilombolas e garimpeiros que, a pesar de tênue, ocorre desde meados dos anos 1980, os meios de comunicação difundem e buscam incutir a ideia de que a territorialidade brasileira ameaça a territorialidade quilombola: “em breve a liderança da aldeia estará integrada por brasileiros” (Zandgrond, 2009); ou que a presença brasileira nas áreas quilombolas deve-se a falta de atuação mais ostensiva por parte do Estado: “a autoridade tradicional

[quilombola] sempre protestou contra a presença de garimpeiros brasileiros no interior” (TS, 2010b).

Nesse contexto, cumpre destacar algumas imagens estereotipadas recorrentemente reproduzidas em diversas reportagens atreladas aos assuntos demonstrados no quadro 1. A partir de tais imagens é possível compreender a dimensão dos discursos que contribuem para reforçar os preconceitos e estabelecer a manutenção da segregação da comunidade brasileira no Suriname.

- *As brasileiras são prostitutas*: o recorrente discurso de que nos *night clubs* todas as prostitutas são brasileiras (Peneux & Chaturi, 2007) contribui para fortalecer a equivocada associação da mulher brasileira com o trabalho sexual. Este processo de exotização e sexualização exacerbada entorno da imigrante brasileira ocasiona consequente inferiorização do Brasil e das brasileiras (Pontes, 2004).

- *Garimpeiros = delinquentes*: imagem amplamente difundida em meio às reportagens analisadas, transitando nas mais distintas temáticas. Tal estereotipo é fortalecido a partir de dois discursos: i) através dos informativos relatando prisões, roubos e assassinatos envolvendo brasileiros e; b) a partir da criminalização da atividade garimpeira.

É situação comum, ao ler os jornais surinameses, encontrar notícias sobre crimes e assaltos nas áreas de garimpo, no qual os ladrões eram “supostamente brasileiros” (TS, 2008b), associando precipitadamente a figura do imigrante à criminalidade.

Outro aspecto presente nas reportagens é a construção de um discurso que

tem como objetivo eximir o Estado surinamês e associar o tráfico e a imigração ilegal com a nacionalidade brasileira: “o Suriname tem frequentemente dito que o perigo não provém do lado do Suriname, mas exatamente o contrário. Especialmente tratando-se de garimpeiros ilegais e criminosos de drogas transfronteiriços, há uma via de sentido único a partir do Brasil” (TS, 2009c).

Como supramencionado, os brasileiros são constantemente associados ao tráfico de drogas e a violência, ocasionando atitudes e posturas preconceituosas (Theije, 2006). Segundo Wagman (2006: 202), “a versão mais agressiva e perversa deste padrão discursivo é aquela que transmite uma percepção do imigrante como suspeitosa de criminalidade”. Esse imaginário contribui para o estabelecimento da “segregação social por meio de uma imagem dos migrantes associada à criminalidade” (Fernandes, 2010: 03). Logo, “o persistente estereótipo do imigrante como criminoso permite esconder a também persistente realidade do imigrante como vítima” (Wagman, 2006: 205).

- *Os brasileiros vivem ilegalmente no Suriname*: o rótulo de “ilegais” ou “invasores” é comumente evocado nas reportagens sobre os trabalhadores imigrantes brasileiros. São raros os casos em que a palavra “irregular” é utilizada para designar os imigrantes que possuem visto em situação irregular.

Uma das principais entradas de garimpeiros no território surinamês ocorre através da travessia da fronteira com a Guiana Francesa. Durante o recorte temporal da pesquisa, a França⁶ realizou operações atuando incisivamente na

⁶ Na Guiana Francesa os imigrantes brasileiros também são estigmatizados, sobretudo, através da construção de imagens estereotipadas reafirmadas e difundidas pelos meios de comunicação (Hidair, 2008).

garimpagem irregular dentro do seu território. Ao abordar sobre o referido assunto, os jornais surinameses publicaram reportagens destacando a “invasão” de brasileiros oriundos dos garimpos franceses, baixo alegação de que o “Suriname [está] indefenso contra afluência de garimpeiros” (Dundas, 2008). A seguir, sublinhamos dois fragmentos que demonstram a forte presença do referido discurso:

Devido às duras medidas do governo francês, os garimpeiros ilegais brasileiros deixaram o país e fugiram para o Suriname (Dundas, 2008).

Acompanhamos com grande preocupação os desenvolvimentos que se produzem no sudeste do Suriname, onde há um grande fluxo de garimpeiros brasileiros clandestinos da Guiana Francesa para o território do Suriname (OIS, 2008).

Mesmo sem comprovação da origem da fonte, jornais surinameses publicam títulos sensacionalistas como, por exemplo, “100.000 garimpeiros ilegais na selva francesa” onde na mesma reportagem assegura que “98% deste número é constituído por brasileiros” (Poetisi, 2010). Tais discursos dirigem a atenção sobre a imagem de que os brasileiros estão “roubando” o trabalho e o patrimônio do país (o ouro), contribuindo assim na amplificação de estereótipos em relação a esse grupo imigrante.

Vale mencionar que o discurso do “imigrante ilegal”, geralmente, está associado a um delito, um conflito ou, demais assuntos abordados negativamente pelos jornais do Suriname. Em meio às reportagens publicadas, estabelece-se

uma constante relação entre garimpo-ilegalidade-brasileiros, pois ao se referirem ao tema nomeiam comumente os garimpeiros como “mineiros ilegais brasileiros” (Orban, 2008). Dentre outros termos depreciativos que são direcionados aos brasileiros e utilizados com certa frequência nos discursos, cumpre destacar os de “aventureiro” (TS, 2009a) e de “convidado indesejado” (Dundas, 2010).

Vale ressaltar que apesar do grande número de brasileiros que trabalham na mineração em pequena escala sem a permissão adequada, existem diversos garimpeiros que desenvolvem suas atividades em condições regulares, ou seja, de acordo com a legislação do Suriname.

- *Os brasileiros roubam o nosso ouro*: o tom dos discursos se dirige para o fortalecimento do estereótipo de que os brasileiros extraem e levam o ouro para o Brasil. Tal imaginário possui dois sentidos, a saber: i) envio de remessas de dinheiro ou transporte ilegal de ouro para o Brasil; ii) imigração brasileira é temporal, pois o objetivo é apenas acumular ouro e voltar para o Brasil.

Theije (2007: 81), ao discorrer sobre a presença do imigrante brasileiro no Suriname, afirma que “na sociedade [surinamesa] ainda podem ser observadas reações negativas, que se manifestam em declarações como: ‘os brasileiros que roubam todo o nosso ouro’”. A autora, em outra publicação, sublinha:

embora se possa argumentar que a maior parte do lucro com o garimpo é investido no país, e que as minas de pequeno porte são muito importantes para a economia local (12,6% da população do Suriname depende delas), a ideia de que esses estrangeiros vêm para levar as riquezas do país é persistente.

(Theije, 2010: 9).

Em consequência, afirmações como “eles [brasileiros] vieram para ficar, pelo menos enquanto existir ouro” (Zandgrond, 2008c) são encontrados nos discursos publicados nos jornais surinameses.

Neste sentido, a naturalização de imagens estereotipadas que associam os brasileiros com a figura de usurpadores das riquezas minerais presentes no subsolo do Suriname possuem carga repleta de estereótipos, estimulando práticas hostis e excludentes contra a comunidade imigrante.

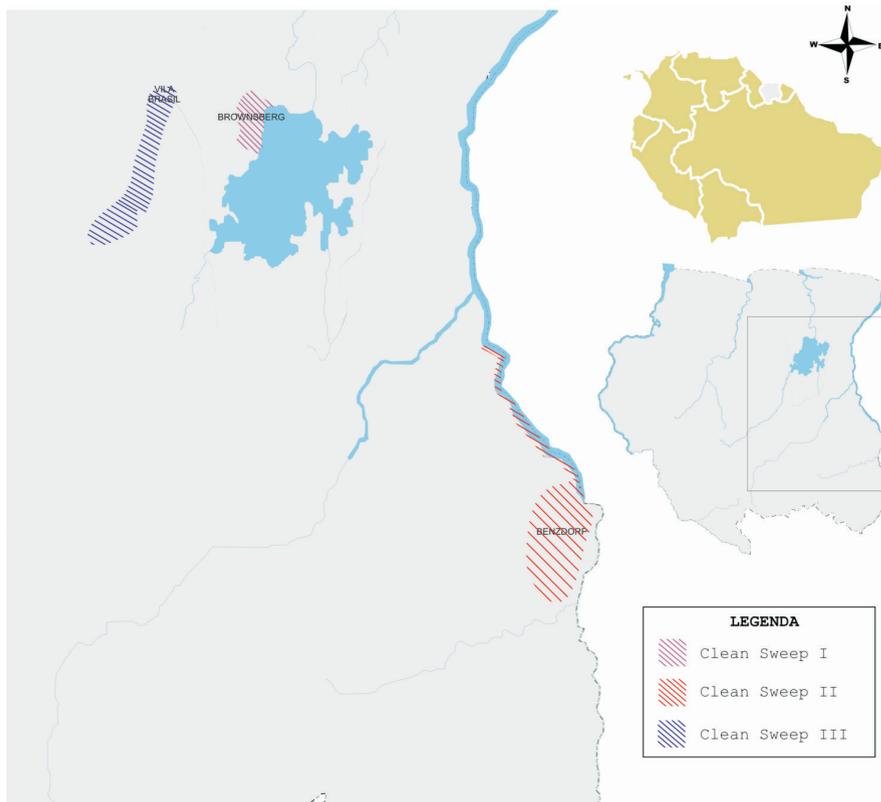
Diante do exposto, convém enfatizar que durante o recorte temporal adotado (2007-2010), a cobertura jornalística da Operação Clean Sweep (OCS) representou a exacerbação da reafirmação de imagens estereotipadas sobre os imigrantes brasileiros e, sobretudo, de que tais discursos e imagens construídas nos jornais refletiam os interesses dos grupos hegemônicos que ocupavam o poder político no Suriname. Logo, os quatro últimos anos da gestão presidencial de Ronald Venetiaan⁷ foram marcados por uma política de combate a atividade do garimpo e a imigração irregular brasileira no Suriname.

Sob o pretexto do combate as atividades ilícitas no interior do país, como o tráfico de drogas e armas na fronteira e, também, a extração ilegal de ouro e madeira, o Estado surinamês (a partir da atuação do Ministério de Justiça e Polícia, em cooperação com o Ministério de Recursos Naturais e o Ministério de Desenvolvimento Regional) iniciou a chamada Operação Clean Sweep, em julho de 2008.

Através da ação das forças militares e policiais, a referida operação, que

durou até fevereiro de 2009, teve três etapas: Clean Sweep I: na vila de Brownsberg; Clean Sweep II: em Benzdorp e no rio Lawa; Clean Sweep III: em Matawai (**Mapa 1**).

Apesar da OCS ter como objetivo “a ação contra os garimpos ilegais e a extração de madeira, a forma organizada de crime e a contaminação ambiental generalizada” (Jagan, 2009), a cobertura da OCS nos jornais locais exaltava a importância em supervisionar os garimpos e os garimpeiros para “combater a criminalidade e restabelecer a lei e a justiça no Suriname” (Zandgrond, 2008d).



Mapa 1. Operação Clean Sweep.

Assim sendo, nos jornais analisados os discursos estavam voltados, sobretudo, para estimular uma precipitada associação do imigrante brasileiro com os problemas ocorridos no interior do país. Esta afirmação pode ser constatada na reportagem que trata da OCS II e da garimpagem na região, sendo a maioria formada por brasileiros: “a mineração ilegal de ouro nesta área [rio Lawa, no território quilombola Aluku] vem junto com a prostituição, o tráfico de drogas e a violação da Lei de Mineração” (Dundas, 2009).

Mesmo com a constante afirmação de que a OCS não era direcionada exclusivamente aos imigrantes brasileiros, diversos discursos e imagens veiculadas nos jornais surinameses demonstravam o contrário. Na **Figura 1**, ao ilustrar as



Figura 1. Charge sobre a Operação Clean Sweep em Benzdorp (“Amigo, corre! Operação Clean Sweep”). Fonte: TS (2009b).

ações da OCS II, é retratado um militar e um policial varrendo Benzdorp, no qual um dos personagens que aparece fugindo da “limpeza” utiliza uma palavra em português (“amigo”) na frase “Amigo, rennen! Operatie Clean Sweep”, sugerindo assim que o mesmo está dialogando com brasileiros. Também vale destacar trecho de uma reportagem sobre a OCS III, na região de Matawai: “A Operação Clean Sweep, nesta ocasião, focou na Vila Brasil. Nesta localidade que tem muita semelhança com Benzdorp, na sua maioria, os brasileiros que formam a mineração de ouro. Nesse intenso comércio prevalece a ilegalidade” (Zandgrond, 2008b).

Tendo uma “vassoura” como símbolo (**Figura 2**), a OCS promoveu o discurso da “limpeza” fortalecendo estereótipos, além de contribuir para rotular e impor imagens negativas aos brasileiros que vivem no Suriname. Tal situação pode ser exemplificada pelo título de outra reportagem sobre a OCS: “‘Clean Sweep’ para purificação do interior” (DWT, 2008). Assim, a partir do pretexto do combate



Figura 2. A vassoura se tornou o símbolo da Operação Clean Sweep. Fonte: Times of Surinam (2008).

ao tráfico de armas e drogas ao longo da fronteira, os discursos incorporados nas reportagens, não somente dos jornalistas, mas também políticos e membros das instituições promotoras/executoras da OCS utilizam, comumente, expressões como “varrer”, “erradicar” e “expulsar” ao fazer referência a ação dirigida aos trabalhadores imigrantes.

Vale ressaltar que diversas reportagens alegavam que não eram encontradas drogas ou armas contrabandeadas durante a execução da OCS, registrando unicamente a prisão de garimpeiros, em particular “brasileiros ilegais”.

Além da falta de apreensões que justificasse o discurso do Estado, poucos meses após o início da OCS, dois fatores influenciaram decisivamente no seu enfraquecimento: i) o posicionamento do Brasil em relação ao tratamento aos imigrantes brasileiros durante a OCS; ii) o declive da economia formal atrelada (e dependente) às atividades do garimpo no Suriname. Sobre o primeiro fator, o Brasil chegou a manifestar preocupação sobre a postura adotada pelo Suriname em relação aos imigrantes brasileiros, ainda que em situação irregular (Gerad, 2008). Já no tocante ao segundo, a íntima relação entre os circuitos formal e informal da economia no Suriname é notável, tornando assim as ações contra a garimpagem no país ainda mais complexas. Tal situação pode ser exemplificada pela reportagem intitulada “Aviação doméstica sofre duros golpes” (Pross, 2008), onde é relatado que a “Air Gum também foi duramente atingida pela Operação Clean Sweep, devido à diminuição de garimpeiros dentro do seu campo de pouso” (Pross, 2008).

Diante do exposto, em decorrência das manifestações internas e externas, a OCS foi perdendo a sua expressividade, pois se reconheceu que não somente o

nome “clean sweep” estava equivocado, mas, sobretudo, a forma como estava sendo realizada.

PALAVRAS FINAIS

Conforme explicitado no presente artigo, a importância da presença da mão de obra dos trabalhadores imigrantes de origem brasileira para o desenvolvimento econômico do país não é considerada e, tampouco, é assunto abordado pelos jornais surinameses. Por outro lado, o expressivo quantitativo dos discursos e reportagens com tom preconceituoso fortalece imaginários estereotipados e atrelam a presença do imigrante brasileiro ao sexo, a clandestinidade, a violência e ao crime.

Os estigmas fortalecidos através dos discursos estereotipados associados aos garimpeiros e às trabalhadoras sexuais prolongam-se para os demais imigrantes brasileiros que vivem na cidade, especialmente, na capital Paramaribo. Assim sendo, apesar de serem duplamente discriminados e desprestigiados (pelos demais brasileiros e pela sociedade surinamesa), os garimpeiros e as trabalhadoras sexuais são responsáveis pelo movimento de significativa parcela da economia do país.

A massificação do discurso negativo sobre os brasileiros através dos meios de comunicação somados à falta de outras perspectivas e discursos acaba contribuindo, sobremaneira, para amplificar o “sentimento de insegurança e a xenofobia” (Hidair, 2008). Por conseguinte, a partir da perspectiva e imaginário de grande parte da população do Suriname, Belenzinho é o *locus* da capital onde predomina a prostituição, a violência, as drogas e, sobretudo, a ausência da

moral e da boa índole, sendo território de garimpeiros e trabalhadoras sexuais, escamoteando assim o real sentido e o papel da comunidade brasileira nesse país: como força de trabalho estrangeira que cada vez mais contribui para alavancar a economia do país e mover o comércio e os negócios estabelecidos na capital. Logo, as imagens estereotipadas emergem como mais uma modalidade excludente contra os imigrantes brasileiros, influenciando decisivamente no jogo e nas negociações territoriais desse grupo que cada vez mais procura reivindicar o seu espaço dentro da sociedade surinamesa.

Vale ressaltar que a associação direta e perversa do garimpo com a nacionalidade brasileira, de certo modo, ofusca o tema que é mais importante nessa pauta de discussão: pensar possíveis caminhos para regularizar e otimizar a mineração em pequena escala, assim como buscar conscientizar os trabalhadores para uso de práticas mais sustentáveis. Ou seja: não se debate o garimpo em si, mas buscam apontar e criar um culpado para a atual situação da mineração em pequena escala do país - o brasileiro. Logo, o brasileiro estigmatizado é apenas a parte mais vulnerável dessa complexa relação que implica, em particular, numa questão de soberania territorial, cujos principais implicados são os quilombolas e o Estado Surinamês.

REFERÊNCIAS

- ABS. (2006). *Censuskantoor – Suriname Census 2004*. Paramaribo: ABS.
- BOER, H. (2009). *Portugees sprekenden evangeliseren in Albina*. De Ware Tijd, Binnenland (12.01.2009). In: <http://www.dwtonline.com>
- BUENO, M. F. (2002). *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e*

da mídia impressa. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

- CHANG, C. I. (2008). Integratie van Brazilianen in Suriname ‘Taki taki? Nao, fale Portugues! *De Ware Tijd*, Binnenland (02.08.2008). In: <http://www.dwtonline.com>
- CIA. (2009). *Suriname, World Factbook*. Washington, DC: Central Intelligence Agency. In: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/index.html>
- DEW, E. (1994). *The trouble in Suriname, 1975-1993*. Westport: Praeger.
- DUNDAS, H. (2010). Aluku’s geloven in waarachtige clean sweep met Bouterse. *Times of Suriname*, Binnenland (04.08.2010). In: <http://www.surinametimes.com>
- DUNDAS, H. (2009). Aluku’s kunnen onderdrukking niet meer aan: President om interventie gevraagd. *Times of Suriname*, Binnenland (21.10.2009). In: <http://www.surinametimes.com>
- DUNDAS, H. (2008). Suriname weerloos tegen instroom goudzoekers. *Times of Suriname*, Binnenland (21.04.2008). In: <http://www.surinametimes.com>
- DWT. (2008). “Clean sweep” moet binnenland zuiveren. *De Ware Tijd*, Binnenland (14.08.2008). In: <http://www.dwtonline.com>
- DWT. (2009a). Kraag bespreekt bilaterale relaties met Brazilië. *De Ware Tijd*, Binnenland (15.09.2009). In: <http://www.dwtonline.com>
- DWT. (2009b). Brazilianen in Suriname. *De Ware Tijd*, Binnenland (06.06.2009). In: <http://www.dwtonline.com>
- DWT. (2009c). Kwikverontreiniging in de goudindustrie (slot). *De Ware Tijd*, Binnenland (01.04.2009). In: <http://www.dwtonline.com>
- EVERS, I. (2010). Kleinschalige goudmijnbouw US\$ 1,7 miljard waard. *De Ware Tijd*, Binnenland (23.04.2010). In: <http://www.dwtonline.com>

- FERNANDES, R. L. S. (2010). Mídia e racismo: ideologias e discursos. *Revista África e Africanidades*, 3(10): 01-07.
- FIORIN, J. L. (1998). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Editora Ática.
- GERAD, F. (2008). Brazilië onderzoekt gevolgen Clean Sweep. *Times of Suriname*, Binnenland (27.09.2008). In: <http://www.surinametimes.com>
- HEEMSKERK, M. (2010). *The Gold Marketing Chain in Suriname*. Paramaribo: World Wildlife Fund Guianas.
- HERNANDES, N. (2001). *O discurso do emprego e do desemprego na revista Veja*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- HIDAIR, I. (2008). Imigração brasileira na Guiana: entre elocubrações e realidade. *Antropolítica*, 24: 128-144.
- HÖFS, C. C. (2006). *Yu kan vertrouw mi: você pode confiar*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília.
- JAGAN, W. (2009). Evaluatie ‘clean sweep’-operaties in februari. *Times of Suriname*, Binnenland (27.01.2009). In: <http://www.surinametimes.com>
- LEEFLANG, R. (2008). Boslandpastoors luiden noodkreet Kwikvergiftiging binnenland verontrustend. *De Ware Tijd*, Binnenland (26.08.2008). In: <http://www.dwtonline.com>
- LEEUWIN, W. (2008). Suriname verliest grip op goudsector. *De Ware Tijd*, Binnenland (21.11.2008). In: <http://www.dwtonline.com>
- LEÓN, M. S. (2011). La inmigración como problema. Percepciones sociales y representaciones mediáticas. *Prisma Social - Revista de Ciencias Sociales*, 6: 01-26.
- MARTÍNEZ, A. G. (2006). Medios de comunicación, opinión y diversidad (social y cultural): Reflexiones en torno al fenómeno migratorio. In: BASTIDA, M. L. (coord.). *Medios de comunicación e inmigración. Convivir sin racismo*, Murcia: p. 59-83.

- MATÉS, R. M. V. (2008). Médios de comunicação e imigração: criação de imagens estereotipadas. *Comunicación e Cidadanía*, 6: 01-10.
- MRE. (2011). *Brasileiros no mundo: estimativas*. Brasília: MRE.
- OIS. (2008). OPEN BRIEF: Volksgezondheid inheemsen in Zuid-Suriname in gevaar. *Times of Suriname*, Binnenland (23.04.2008). In: <http://www.surinametimes.com>
- OLIVEIRA, R. S. (2011). As redes de brasileiras para o trabalho sexual nos garimpos da Guiana, Suriname e Venezuela. In: RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA, R. S. (Orgs.). *Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na Geografia brasileira*. Rio de Janeiro: Gramma Editora. p. 185-207.
- OLIVEIRA, R. S.; RIBEIRO, J. P. (2011). *Wortubuku: sranantongo para brasileiros*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- ORBAN, G. (2010). Vestiging Braziliaanse gouddelvers Para verontrust dorpschouwen. *Times of Suriname*, Binnenland (11.01.2010). In: <http://www.surinametimes.com>
- ORBAN, G. (2008). Illegale goudzoekers mishandelen onderkapitein Anapaïke. *Times of Suriname*, Binnenland (14.10.2008). In: <http://www.surinametimes.com>
- PENEUX, J.; CHATURI, A. (2007). Diamond is clean. *De Ware Tijd*, Binnenland (23.06.2007). In: <http://www.dwtonline.com>
- POETISI, I. (2010). 100.000 illegale porknokkers in Franse bossen. *De Ware Tijd*, Binnenland (08.12.2010). In: <http://www.dwtonline.com>
- PONTES, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia Portuguesa. *Cadernos Pagu*, 23: 229-256.
- PROCÓPIO, A. (2008). *Subdesenvolvimento sustentável*. Curitiba: Juruá, 2008.
- PROCÓPIO, A. (2007). A Amazônia Caribenha. *Revista Brasileira de Política Internacional (RBPI)*, 50(2): 97-117.

- PROSS, E. (2008). Binnenlandse luchtvaart incasseert rake klappen. *De Ware Tijd*, Binnenland (21.11.2008). In: <http://www.dwtonline.com>
- SANTOS, M. (2011). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- THEIJE, M. (2010). Insulamento pesa contra brasileiros. *Folha de São Paulo*, Mundo (03.01.2010), p.9.
- THEIJE, M. (2008). Ouro e Deus: sobre a relação entre prosperidade, moralidade e religião nos campos de ouro do Suriname. *Religião e Sociedade*, 28 (1): 69-83.
- THEIJE, M. (2007). De Brazilianen stelen al ons goud! Braziliaanse migranten in stad en binnenland. *OSO, Tijdschrift voor Surinamistiek en het Caraïbisch Gebied*, 26(1): 81-99.
- THEIJE, M. (2006). Transnationalism in Surinam: Brazilian Migrants in Paramaribo. In: GOWRICHARN, R. (Ed.). *Caribbean Transnationalism. Migration, Socialization, and Social Cohesion*. Lexington Books, Lanham: p. 117-135.
- TS. (2010a). Operatie Clean Sweep ad hoc en ineffectief. *Times of Suriname*, Binnenland (15.01.2010). In: <http://www.surinametimes.com>
- TS. (2010b). Regering heeft geen oor voor signalen traditioneel gezag. *Times of Suriname*, Binnenland (12.01.2010). In: <http://www.surinametimes.com>
- TS. (2009a). Jiwan Sital wil algeheel verbod individuele goudwinning binnenland. *Times of Suriname*, Binnenland (28.08.2009). In: <http://www.surinametimes.com>
- TS. (2009b). Evaluatie ‘clean sweep’ – operaties in februari. *Times of Suriname*, Binnenland (27.01.2009). In: <http://www.surinametimes.com>
- TS. (2009c). Brazilië verhoogt militaire aanwezigheid nabij Amazonegrens. *Times of Suriname*, Binnenland (06.01.2009). In: <http://www.surinametimes.com>
- TS. (2008a). Justitie rekent niet op kortetermijneffecten in Clean Sweep. *Times of Suriname*,

- Binnenland (11.09.2008). In: <http://www.surinametimes.com>
- TS. (2008b). Beroving met dodelijke afloop. *Times of Suriname*, Binnenland (26.08.2008).
In: <http://www.surinametimes.com>
- VRIES, E. (2005). *Suriname na de binnenlandse oorlog*. Amsterdam: KIT Publishers.
- WAGMAN, D. (2006). Los medios de comunicación y la criminalización de los inmigrantes.
In: BASTIDA, M. L. (coord.). *Medios de comunicación e inmigración*. Convivir sin racismo, Murcia: p. 201-214.
- WIEVIORKA, M. (2007). *O racismo, uma introdução*. São Paulo: Perspectiva.
- ZANDGROND, F. (2009). Manlobi wil af van Brazilianen. *De Ware Tijd*, Binnenland (16.06.2009). In: <http://www.dwtonline.com>
- ZANDGROND, F. (2008a). Brazilië wil stopzetting razzia's op Brazilianen. *De Ware Tijd*, Binnenland (26.09.2008). In: <http://www.dwtonline.com>
- ZANDGROND, F. (2008b). Clean Sweep III in Matawai. *De Ware Tijd*, Binnenland (22.09.2008). In: <http://www.dwtonline.com>
- ZANDGROND, F. (2008c). Vergunning voor Braziliaanse ondernemers te Benzdorp. *De Ware Tijd*, Binnenland (01.09.2008). In: <http://www.dwtonline.com>
- ZANDGROND, F. (2008d). Benzdorp na Clean Sweep hetzelfde. *De Ware Tijd*, Binnenland (01.09.2008). In: <http://www.dwtonline.com>.